

Uns chamam de amor. Yukiko Sode chama de liberdade



RODRIGO FONSECA
Especial para o Correio da Manhã

U dos filmes que levaram o Palais des Festivals de Cannes a se engatar, em coro, naquele sonoro “Ownnnn!!!” reservado às histórias capazes de gerar ternura, “Todos os Amantes da Noite” (“All The Lovers In The Night”) chega nesta quarta-feira ao Festival do Rio. A sessão está marcada para as 13h30, no CineCarioca José Wilker, com repeteco no domingo, às 20h30, no Estação Claro Rio. Selecionado para a Un Certain Regard na Croisette, o longa da cineasta Yukiko Sode redesenha códigos do romantismo ao aproximar duas pessoas que encontram uma na outra não a promessa de completude, mas a possibilidade de preservar singularidades.

No dia de sua apresentação em Cannes, seu astro mais conhecido, Tadanobu Asano, celebrava também o êxito de sua mais re-

‘Todos os Amantes da Noite’, sensação japonesa de Cannes, chega ao Festival do Rio nesta quarta, com Tadanobu Asano e Yukino Kishii numa delicada história sobre duas solidões



‘Todos os Amantes da Noite’ brigou pelo troféu Un Certain Regard de Cannes

cente investida em Hollywood, “Mortal Kombat 2”. Intérprete de Lord Raiden, o Senhor dos

Relâmpagos, na franquia inspirada no videogame que marcou os anos 1990, o ator brincou com o

Correio da Manhã na Croisette ao evocar a expressão nerd “Fatality”, típica do jogo. Em “Todos os

Amantes da Noite”, porém, seu registro é outro. A direção de Sode constrói um pavimento de lirismo para uma quase “love story” feita mais de aproximações, silêncios e pequenos gestos do que das convenções tradicionais do romance.

“A forma como vejo as relações amorosas não tem lugar para perdas de individualidade. Se tenho duas pessoas, tenho duas singularidades e quero que ambas possam correr livres, sem depender uma da outra, respeitando o espaço alheio”, disse Sode ao Correio, em Cannes, ao lado de Asano e Yukino Kishii.

Adaptado do romance de Mieko Kawakami, “Todos os Amantes da Noite” acompanha Fuyuko (Yukino), uma revisora freelancer cuja existência é pautada pelo isolamento. Quase sem contato com outras pessoas, ela preserva um ritual particular em seus aniversários: caminhar sozinha pela cidade à meia-noite. Essa rotina começa a se transformar quando conhece Mitsutsuka (Asano), um reservado professor de Física que a convida a conversar sobre a luz. Os encontros tornam-se frequentes e, pouco a pouco, os dois permitem que segredos e feridas venham à superfície. “Quando descobri a obra do já falecido Edward Yang, encontrei um retrato delicado da sociedade de Taiwan, mas esse olhar aparecia sempre por meio da observação das trocas entre indivíduos. O centro da obra dele eram as pessoas. O meu também é, embora elementos culturais do Japão e marcas do melodrama apareçam neste filme”, explica Sode. “Sigo os desejos de Fuyuko e Mitsutsuka e acompanho os sentimentos deles antes de me prender a qualquer parâmetro da nossa sociedade”.

DICAS DE QUARTA - FESTIVAL DO RIO

POR RODRIGO FONSECA



CHICA CHECA, de Šimon Holý (República Tcheca): Zdena é uma viúva de meia-idade que leva uma rotina pacata como carteira em uma pequena aldeia no interior da República Tcheca. Enquanto cuida de sua mãe debilitada, ela recebe a visita do filho, Lukáš, que mora em Paris. O retorno dele desencadeia a revelação de algo até então ignorado pela família: longe de casa, o jovem não trabalha em um banco, mas atua profissionalmente como a drag queen. Onde: Cinesystem Belas Artes, às 16h30.



ROSEBUSH PRUNING, de Karim Aïnouz (Itália/ Espanha/Reino Unido): O dínamo cearense de “Madame Satã” (2002) meteu-se na briga pelo Urso de Ouro com este elegantíssimo tratado sobre perversões e rachou opiniões com a opulência com que retrata uma família aristocrática dos EUA, alocada na Espanha e abalada pela perda da matriarca (Pamela Anderson). Incesto, traição e ataques de lobos desenharam essa releitura que o diretor fez (com elenco internacional classe AA). Onde: Reserva Cultural 1, às 16h40.



AMOR E FÉ – CHICA XAVIER, de Clementino Junior (Brasil): Francisca Xavier Queiroz de Jesus (1932-2020) é viva. Vive na saudade da gente, na memória das lutas decoloniais do Brasil, nos acervos da TV, nas recordações das batalhas do povo preto deste país para ser respeitado e... agora... viverá na programação do Festival do Rio 2026. Atriz do mais alto quilate dramático, Chica nasceu em Salvador e mudou-se para o Rio em 1953, onde se tornou um ícone do teatro, cinema e TV, consagrando-se como símbolo de representatividade. Onde: Estação Claro Gávea, 18h15.